

IDEIAS QUE ME OCORREM

TENDO OUVIDO DIZER que à índole do romance repugna a lentidão no suceder das cenas e episódios; que num género de literatura, como é aquele, o leitor quer depressa chegar ao desenlace e impacienta-se quando o autor entra em profusas descrições, em análises de caracteres, ou em divagações metafísicas.

Já me apontaram isto em processo de crítica feita a um dos meus livros.

Examinei com cuidado os argumentos que se apresentaram e, na melhor boa-fé, pensei nisto alguns dias. Acabei por convencer-me de que não tinham razão os censores.

Se foi bem tirada a conclusão, não sei; mas que a adotei com sincera convicção, posso afirmá-lo.

Ainda que suspeito, devo, primeiro que tudo, declarar que não sei bem porque se há de julgar o romance uma forma literária menos grave e perfeita que as outras, quando ela pode conter em si, em boa e fecunda harmonia, as qualidades de todas.

Este descrédito do romance, que seguindo, com mais ou menos fidelidade, os modelos de Walter Scott, é a forma literária verdadeiramente característica dos nossos tempos, provém dos abusos dos romancistas que, possuídos por uma falsa ideia, julgaram ser a imaginação a única base do romance.

Pensaram e pensam estes que o romance é o enredo e esta ideia generalizou-se e radicou-se a tal ponto, que muitos críticos, aliás ilustrados, fizeram e fazem, talvez irrefletidamente, artigos de legislação literária inspirados por ela.

Parece-me que a opinião que me suscitou estas reflexões está nesse caso. O romance é o enredo? Tudo o mais são condições secundárias, elementos indispensáveis para que a ação principie, para que o nó se aperte e enfim para que o desenlace termine a obra? Por isso se clama contra o romancista se a ação não caminha durante dois, três ou mais capítulos; por isso se diz, em ar de censura, ao autor, como se a descoberta o devesse desgostar: já sei o fim do romance; F. casa com L... M. perdoa ao filho, etc., etc.

Porque é que está em deplorável e espantosa decadência o romance de imaginação?

Porque se tem derrancado o género até às indigestas e escandalosas produções de Ponson du Terrail?

Exatamente por não pretenderem prender o leitor senão pela sucessão rápida das peripécias e dos lances imprevistos.

Nem uma análise de caracteres, nem um curto olhar lançado ao íntimo coração humano a devassar o que lá é de costume encontrar-se e não nenhuma dessas monstruosidades, que poderiam ter existido num ou noutro coração, mas por exceção, e que o leitor não tem decerto no seu.

Não caluniem o público dizendo que é só desse alimento que ele digere. Não é assim. Vós sois que o alimentais há muito nesse vicioso regime, que, sem dar sólida nutrição, estraga o paladar, cuja sensibilidade embotada exige estímulos cada vez mais acres e irritantes.

Há uma lei do gosto literário em que eu acredito firmemente. O excecional, o extravagante, o desregrado não é o que desperta nos leitores ou nos espetadores o mais verdadeiro, o mais duradouro interesse; pelo contrário, é o comum, o vulgar na justa aceção do termo.

Quando encontramos em um livro pensamentos que já tivemos um dia, sentimos agradável surpresa, como ao darmos em um lugar, inesperadamente, com uma pessoa conhecida; quando no caráter, no coração de uma personagem literária há alguma coisa que é nossa, quando nos reconhecemos em parte personificados numa criação, redobra o interesse com que o acompanhamos nas peripécias do drama.

É por isso que eu gosto dos romances lentos, em que o autor nos identifica bem com as personagens entre quem se passa a ação, antes de a travar.

Depois desta iniciação, creiam-no ou experimentem-no, excitam-nos mais interesse um simplíssimo drama que se passa entre esses indivíduos, do que uma violenta e ultradramática tragédia em que tomam parte personagens que o autor apenas nos faz conhecer pelos nomes.

Querem um exemplo a corroborar a minha opinião, que não é só minha?

Muita vez haveis de ter ouvido contar um caso notável, acompanhado das mais curiosíssimas circunstâncias, um grande e horroroso crime, por exemplo, acontecido entre pessoas que vos são desconhecidas. O caso é de si bastante para vos espantar, independentemente das personagens, e efetivamente, por um momento, pasmais do que ouvis. Mas a impressão embota-se, extingue-se e cedo pensais em outra coisa, porque ignorando o caráter das pessoas a quem mais diretamente o caso afeta, não podeis prever a natureza das paixões que elas suscitaram. Não as conhecíeis antes para poder calcular o reflexo psicológico desse facto.

Contem-vos porém um acontecimento muito mais simples, um destes casos comuns na história de todas as famílias, mas que se refere a pessoas de cujo caráter, de cujo viver, de cujos hábitos estais bem ao facto, e a notícia vos impressionará muito mais do que a outra

e correreis de memória, uma por uma, aquelas pessoas, calculando e prevendo, pelo conhecimento que tendes delas, o estado em que esse acontecimento as conservará.

Isto reproduz-se no sucesso literário de um livro de romance. As complicadas peripécias de uma história à Ponson du Terrail atordoa-vos, como a descrição de um crime horroroso cometido a distância da vossa terra; mas deixai passar oito dias sobre essa leitura e não vos ficará dela memória porque nunca chegastes a conhecer e fixar, a estimar portanto, as pessoas entre quem ele se travou.

Pelo contrário, dos simples episódios de um romance como *O Vigário de Waksfield* e tantos outros da escola genuinamente inglesa, fica-vos uma como memória saudosa, porque aquelas figuras que vistes em ação, que sofreram e choraram, eram já de há muito conhecidas vossas e tínheis tido tempo durante a ação lenta da história para conhecer bem o caráter antes de as ver sofrer.

Mas os episódios indiferentes, que não conduzem ao enredo?

Para que roubar tempo com eles?

Para aumentar o efeito das cenas principais. Insensivelmente, sofreis as influências deles.

Ainda outro exemplo, tirado da vida real. Suponde que tendes um vizinho a quem, por involuntária e distraída observação, tendes descoberto certos hábitos. Vede-os sair a certas horas, falar de certa maneira, parar em certas lojas, etc., etc. São factos indiferentes em que maquinalmente atentaís.

Uma manhã dizem-nos que este homem teve o prémio grande da lotaria, por exemplo, ou outro facto análogo. E todos os pormenores do viver desse homem vos acodem à memória e a todos ligais valor, ao referi-los aos vossos amigos, e destas particularidades indiferentes resulta mais interesse para o episódio principal.

É por estas e análogas reflexões que eu não posso concordar com os críticos a que me referi.



O romance é um género de literatura essencialmente popular. É necessário que na leitura dele as inteligências menos cultas encontrem atractivos, instrução e conselho e que, ao mesmo tempo, os espíritos cultivos lhe descubram alguns dotes literários para que se possa dizer que ele satisfaz à sua missão.

Romances exclusivamente apreciados por eruditos não realizam o seu fim, romance que pela contextura literária revolta a crítica ilustrada, embora fascine o povo por certas qualidades prestigiosas, é um instrumento perigoso que deprava o gosto e às vezes a moral.

A verdade parece-me ser o tributo essencial do romance bem compreendido, verdade nas descrições, verdade nos caracteres, verdade na evolução das paixões e verdade enfim nos efeitos que resultam do encontro de determinados caracteres e de determinadas paixões.

Realizados estes desideratos, pode ter-se a certeza de que, ainda sem grande complicação de enredo, o romance há de agradar aos leitores, que a cada momento estarão vendo no livro reflexos de si próprios, de seus pensamentos, de suas paixões e avivando memórias de passados episódios da sua vida.

Este efeito, porém, não se consegue sem que a verdade de linguagem acompanhe a dos conceitos.

Narração e diálogo compõem o todo do romance. Não pejeis de ornatos excessivos a primeira, sob pena de as inteligências não poderem conceber imagens claras dos objetos que lhes representais. Lembrai-vos da impressão que vos causa aquela maravilhosa arquitetura manuelina nos espécimes do convento da Batalha. Enquanto conservais do corpo de igreja, na sua simplicidade gótica, uma recordação clara e precisa, fica-vos das Capelas Imperfeitas uma ideia confusa pela profusão de ornatos que nelas vistes. Isto não quer dizer que não

embelezeis a descrição, mas que o floreado das imagens não oculte totalmente os traços que delineiam o objeto descrito.

O diálogo, sobretudo, não deve distanciar-se da linguagem falada na época em que o autor escreve, sob pena de dissipar o prestígio da verdade na narração. É necessário acomodá-lo à índole, à posição social e especialíssimas condições do indivíduo que fala, para que na leitura dele a alma vibre como se assistisse a uma cena real.

Não é pois conveniente enfeitar demasiado o estilo no diálogo. Quem o fizer tirará às personagens da ação o colorido de vida e apresentá-las-á aos olhos do leitor como meros manequins, por quem fala o artista oculto nos bastidores.

Para que o diálogo interesse e iluda, é mister que o autor se esconda o mais possível e, para isso, tem de abdicar do seu estilo próprio e pôr na boca dos atores da sua narração palavras que fossem de esperar deles por quem os tivesse previamente conhecido.

Há demasias de bem escrever tão perigosas como o demasiado desleixo. O abuso do lirismo é um mal de morte no diálogo, semelha-o a um certame arcádico, a uma disputa académica, mas sufoca-lhe a vida, arrefece-lhe o calor da verdade e cansa sem comover.

Funchal, novembro de 1869.



Parece-me que anda um tanto mal entendida esta palavra *imaginação*, empregada em assuntos literários.

Diz-se romance de imaginação aquele em que as peripécias se complicam, em que os episódios inesperados surpreendem a cada momento o leitor, em que os caracteres mais extravagantes, nas mais extravagantes situações da vida, obram o mais extravagantemente possível; em que os venenos, os narcóticos, os contravenenos,

os alçapões, as portas secretas, os castelos misteriosos, os caminhos subterrâneos, os cabelos postiços, as tintas simpáticas, preparam para recreio dos leitores a mais maravilhosa fantasmagoria que se possa prolongar por cinco ou seis volumes.

O autor destes romances assim é tido na conta do homem de grande imaginação. Não o nego.

Vejamos, porém, um autor menos atrevido. Concebe uma ideia que quer desenvolver pelo romance. Cria as personagens entre quem se deve passar a ação, dota cada qual com o seu caráter próprio e individual, caráter escolhido e estudado na vida real. Coloca-as num mundo de todos conhecido; dá-lhes para meio de ação os meios ordinários; ilumina o quarto com a esclarecedora luz da realidade, que dissipa os mistérios. Põe depois todos estes caracteres em movimento, dirigindo-os de maneira que nunca se desmintam, calculando o progresso da ação de acordo com a ideia primordial e com as exigências lógicas dos meios escolhidos para a realizar. Procura tirar do confronto e combinação dos caracteres ali reunidos o principal efeito das cenas e dirige-se incessantemente para o fim que teve em vista, sem se socorrer de meio algum maravilhoso; esforça-se por fazer envolver a ideia da como natural sucessão dos acontecimentos narrados. Consegue dar o cunho de verdade aos episódios que narra, a ponto de as personagens esconderem completamente o autor nesses momentos; consegue quase fazer acreditar que as coisas não podiam haver sucedido doutra maneira tão natural foi a filiação e sequência dos factos, tão lógicos os resultados que deu de si o conflito de bem determinados caracteres.

Este homem, este autor que isto consegue, não terá em bem maior grau essa imaginação que aplaudem no outro?

Conseguir com meios naturais e conhecidos um resultado daqueles; comover e excitar o interesse sem recorrer ao extravagante nem sair da órbita do verosímil; pintar com cores próprias um quadro da

vida e com tão perfeita perspectiva que a ilusão seja completa, não requer isto mais imaginação não exige mais esforço de inteligência do que a conceção desses romances desregrados em que todas as lembranças se aproveitam sem as sujeitar ao critério da lógica literária, em que o autor tem sempre um subterfúgio à mão para se desembaraçar das veredas sem saída onde a sua inteligência imprudente o conduziu?

Parece-me poder servir-me de um *simile* para confirmar a minha ideia. Nos espetáculos de prestidigitação tendes visto alguns artistas trabalharem rodeados de uma multidão de acessórios complicadíssimos? Mesas com fundos falsos; caixas de todos os tamanhos, maquinismo igualmente misterioso, armas de fogo de construção particular, etc., etc.?

Conquanto não saibais trabalhar com esses aparelhos de magia branca, desde logo acreditais que são eles os principais elementos do espetáculo e não admirais demasiadamente a prestidigitação do artista.

Vedes porém outros apresentarem-se diante de vós, sem aparato, com fato simples, mãos nuas, uma mesa sem falso, etc., etc., e surpreender-vos aliás, tanto como o outro, com sortes maravilhosas.

A este aplaudis com mais entusiasmo e vontade porque aplaudis um verdadeiro artista. Admirais o resultado de estudos e esforços de longo tempo para, com tão simples meios, vos maravilhar assim.

Dizei agora se não vos moverá também o mesmo sentimento a aplaudir mais o escritor consciencioso que vos comove com os recursos naturais que lhe fornece a observação do homem, do que o pelotiqueiro literário que recorre para vos prender e maravilhar a todas as extravagâncias possíveis?

Funchal, novembro de 1869.



Muitos autores de romances e dramas julgam que os amantes em literatura escusam de ter caráter próprio. A heroína é uma rapariga que ama, o herói é um rapaz que a ama a ela. A linguagem de um e de outro é sempre mais ou menos casta e liricamente erótica. Encontram-se, falam de amor; separam-se, falam um do outro e não têm ocasião de revelar ao leitor mais nenhuma qualidade do seu caráter, senão a de estarem apaixonados.

Resulta daqui que em vez de criaturas humanas, vivas, dominadas por uma paixão, que combinada com o seu caráter individual as leva a atuarem de determinada maneira, são simples personificações do amor, frias e incapazes de comover, como uma alegoria, como personagens abstratas daqueles poemas em que falam as virtudes e os vícios personificados.

O leitor não pode fixar uma feição característica desse par, cujos infortúnios, tribulações e felicidade ou infelicidade final compõem a narração e por isso, dias depois da leitura, evaporam-se essas imagens como a de uma prova fotográfica não fixada e confundem-se no vago em que já se haviam perdido as feições de outros muitos ternos casais, cuja sorte já anteriormente o tinham igualmente comovido.

Desenganem-se... Para que o romance ou o drama produzam profundo e duradouro interesse, é indispensável desenhar bem as feições características das personagens e dar-lhes um colorido de carnção que simule a vida. A não ser assim, a alma assiste indiferente à leitura ou à representação.

Funchal, novembro de 1869.



Nos meus romances não há indivíduos caracterizadamente maus. Não tenho pintado crimes; quando muito, vícios. Alguém há que

me tem feito o favor de me louvar essa falta como virtude, como se andasse nisso propósito literário. Verdadeiramente não há.

Não penso que o estudo moral de uma alma criminoso ou perversa não seja digno da arte. O que me custa a admitir, a não ser como exceção rara, são os tiranos sem lógica, sem motivo, que amam o mal por instinto e sem que à prática dele sejam levados por o impulso de uma paixão.

A razão por que fogem do campo da minha imaginação aqueles tipos é outra. Tanto eu me deleito em conceber um carácter com que simpatize, em o encarar por todas as suas faces para as pôr em evidência aos olhos do leitor, em vê-lo em ação e em harmonizar o diálogo com esse carácter, quanto me repugna e enfastia o demorar o pensamento em um tipo antipático, em um carácter revoltante, em uma destas criaturas em cuja contemplação a alma se enoja ou se indigna.

O artista deve vencer essa repugnância, se a arte o exigir. Eu porém, que procuro na cultura das letras distração e não a tomo por ofício, quero condescender com os meus prazeres, sem que deixe por isso de admirar as concepções magníficas dos romancistas que sabem pintar o mal e a perversidade, sempre que o fazem, por assim dizer, logicamente.

Funchal, novembro de 1869.

JÚLIO DINIS, *Inéditos e Esparsos*,
Lisboa: Círculo de Leitores, 1992, pp. 7-16.